

Revolta do Vintém – Rio de Janeiro

Pesquisa do acadêmico: Luiz Antonio Batista da Rocha
Da Academia Barretense de Cultura - ABC

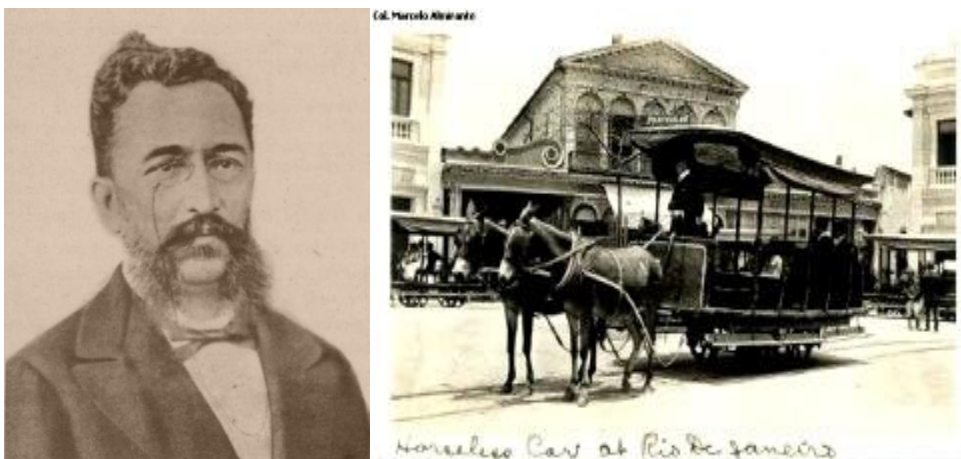
As manifestações vistas por todo o Brasil, principalmente nas grandes capitais contra o aumento das passagens de ônibus não vem de hoje. Os protestos contra reajustes do serviço de transporte público já aconteceram em outros tempos.

A **Revolta do Vintém** foi um protesto ocorrido entre **28/12/1879** e **04/01/1880** nas ruas do Rio de Janeiro, capital do império brasileiro, contra a cobrança de vinte réis, ou seja, um **vintém**, nas passagens dos bondes, instituída pelo ministro da fazenda, **Afonso Celso de Assis Figueiredo**, futuro **Visconde de Ouro Preto**.



Vintém D. João II

Aos gritos de "*Fora o vintém*" a população espancou os condutores, esfaqueou os burros, virou os bondes e arrancou os trilhos ao longo da Rua Uruguaiana.



Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto,
(* Ouro Preto- MG, 02/02/1836— + Rio de Janeiro, 21/02/1912

(Foi um político brasileiro do início do século XX, após à proclamação da república, foi professor de Direito Civil e Comercial da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Foi um dos políticos mais importantes do Segundo Reinado do Império do Brasil e grande amigo de D. Pedro II.)

A estatística de feridos e mortos não é precisa, estima-se entre 15 e 20 feridos e entre 3 e 10 mortos. Desgastado, o ministério caiu, **tendo o novo ministério revogado o tributo.**

No final de **1879**, a cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil Imperial, assistiu a deflagração de uma revolta de caráter eminentemente popular.



Palácio Pedro Ernesto antes da construção da Cinelândia, ao fundo o Palácio Monroe



Rua Uruguaiana – Rio de Janeiro - 1879

Um levante de aproximadamente cinco mil manifestantes se colocou em frente o **campo de São Cristóvão, sede do palácio imperial**, para exigir a diminuição da taxa de vinte réis (**um vintém**) cobrados sobre o transporte público feito pelos bondes de tração animal que serviam a população.

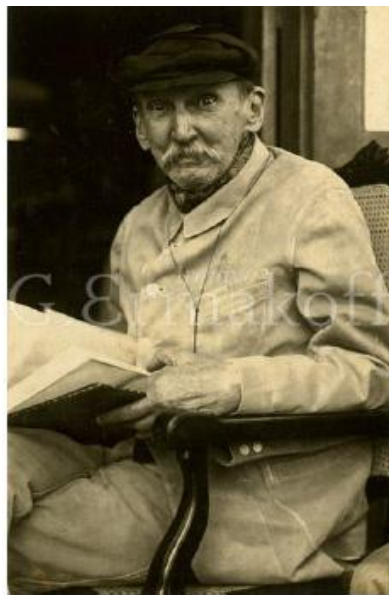


Desfile com expressiva participação popular no Campo de São Cristóvão. Fonte: FUNARTE



Planta da cidade do Rio de Janeiro com o seu traçado urbano, em 1879, mostrando os principais prédios públicos em vermelho e as igrejas em preto, Luiz Schreiner. Fonte: Bolsa do Rio XXI, 2000.

Contidos pelas autoridades policiais, os revoltosos esperavam uma resposta de um dos principais líderes daquele protesto: o **jornalista Lopes Trovão**.



*(José Lopes da Silva Trovão ou simplesmente Lopes Trovão
(* Angra dos Reis, 23/03/1848 — Rio de Janeiro, + 17/07/1925).*

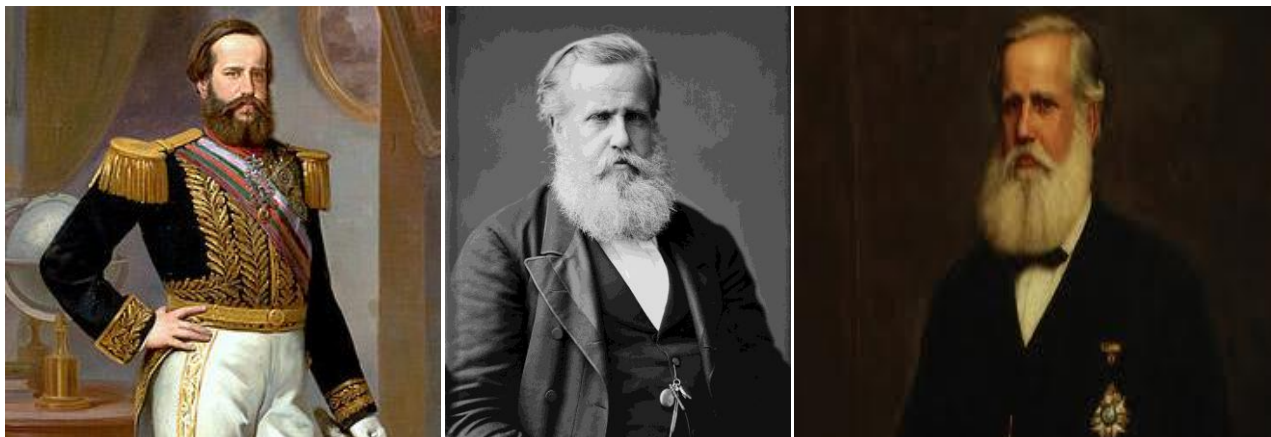
(Foi um médico, jornalista e político brasileiro. Filho de José Maria dos Reis Lopes Trovão e Maria Jacinta Lopes Trovão, formou-se em Medicina pela Faculdade do RJ, tendo sido diplomata e eleito deputado federal para mandatos entre 1891 e 1894 e, posteriormente, senador da República entre 1895 e 1902.

*Foi um dos propagandistas republicanos mais ativos, e ardente abolicionista, atacando a estrutura do Império do Brasil até sua queda, em 1889, sendo um dos signatários do **Manifesto Republicano de 1870**.*

Ele liderou uma comitiva de republicanos até a casa do Marechal Deodoro da Fonseca, na manhã de 19 de novembro a nova Bandeira constitucional do Brasil. Deodoro rechaçou a bandeira apresentada pelo próprio Lopez Trovão a considerando uma semelhante cópia da Bandeira dos Estados Unidos .

Os republicanos insistiram que só restava a Deodoro oficializar a bandeira por eles apresentada, já que esta já tremulava sobre o mastro em alto mar, no Alagoas, o navio que levou o Imperador Pedro II ao exílio. Foi editor da "Gazeta da Tarde" e também do jornal "O Combate")

O imperador **D. Pedro II**, que prometia abrir negociação para resolver a contenda, teve seu pedido negado pelo **Lopes Trovão** - jornalista republicano que adotou uma nova estratégia.



*D. Pedro II - * 02/12/1825 Rio de Janeiro + 05/12/1891 – Paris*

(Nascia no dia 2 de dezembro de 1825 o último imperador do Brasil, Dom Pedro II, no Palácio da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro.

Ele assumiu o trono do país após a partida do pai, Dom Pedro I, para Portugal. Na época, Dom Pedro II tinha apenas seis anos e, até de fato assumir o poder, ficou sob a tutela de José Bonifácio de Andrade e Silva e depois do marquês de Itanhaém, Manuel Inácio de Andrade Souto Maior.

Aos 15 anos, foi declarado maior de idade e acabou coroado como imperador do Brasil no dia 18 de julho de 1841, no Rio de Janeiro. Dois anos depois, casou-se com Teresa Cristina Maria de Bourbon.

Eles tiveram quatro filhos, mas apenas Isabel e Leopoldina sobreviveram.

No poder, Dom Pedro II precisou controlar diversas revoltas como a dos Liberais (1842), a Guerra dos Farrapos (1845) e a Insurreição Praieira (1848).

Também durante o seu governo, o país esteve envolvido na guerra contra o Paraguai, entre 1864 e 1870. Um dos destaques do seu reinado foi o fim do tráfico negreiro, a Lei do Ventre Livre (1871), a libertação dos escravos sexagenários e a lei Áurea, (1888), assinada pela princesa Isabel.

O reinado de Dom Pedro II terminou com a proclamação da República em 15 de novembro de 1889. Com o prazo de 24 horas para deixar o país, ele se mudou com a família para Portugal.

Ele morreu aos 66 anos, vítima de uma pneumonia, no dia 5 de dezembro de 1891, em Paris.)

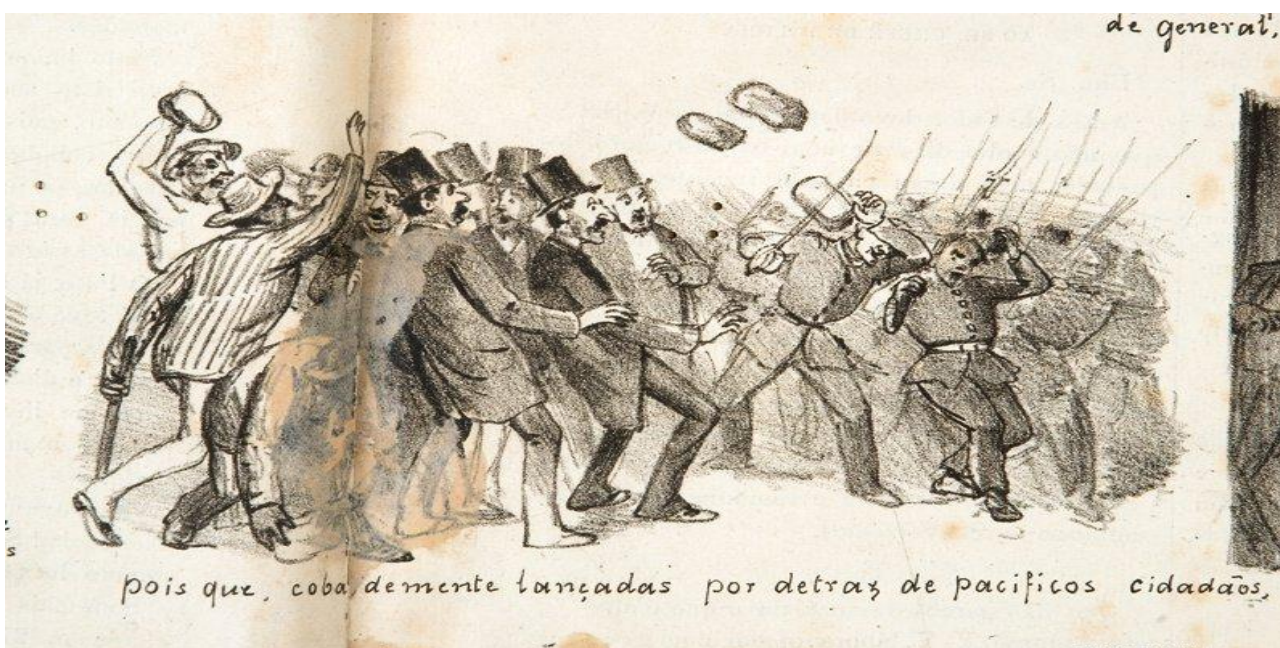
Lançando seus argumentos no jornal Gazeta da Noite, **Lopes Trovão** convocava a população carioca a reagir com violência contra a medida imperial. No primeiro dia do ano seguinte, data em que o valor seria oficializado, novos levantes seriam organizados pelos populares simpatizantes à causa.

Mais uma vez incitados por **Lopes Trovão**, uma massa de revoltosos se dirigiu até o Largo do São Francisco, local de partida e chegada da maioria dos bondes. A presença de autoridades policiais só aumentou o clima de tensão instaurado. Impacientes, os revoltosos começaram a gritar “fora o vintém”, **esfaquear mulas e espancar os condutores dos bondes.**

Col. Marcelo Albuquerque



Os policiais, sem condições de fazer oposição ao protesto, logo pediram o auxílio das autoridades do Exército. A chegada das tropas exaltou ainda mais os ânimos da multidão, que passou a lançar pedras contra a cavalaria oficial. Ameaçados pela turba, os oficiais abriram fogo contra a multidão.



Charge sobre a Guerra do Vintém / FBN

Em pouco tempo, a saraivada de tiros dispersou os manifestantes a custo de uma dezena de mortos e feridos. Passado o calor dos acontecimentos, o motim popular foi completamente desarticulado nos dias posteriores.

O alvoroço trazido pelo episódio trágico forçou as autoridades e companhias de bonde a anularem o reajuste do transporte. Na verdade, essa medida de reajuste era um reflexo das medidas orçamentárias tomadas pelo governo mediante a recessão econômica experimentada no ano de 1877.

Nesse sentido, a cobrança do vintém atingia em cheio o bolso de setores médios e baixos da população do Rio de Janeiro. Mesmo não sendo uma revolta de caráter republicano.

A Revolta do Vintém foi um indício das mudanças sociais, políticas e econômicas dos finais do governo de Dom Pedro II.

A **Revolta do Vintém** foi comparada pelo jornal *The New York Times* á protestos contra o **aumento das tarifas de transporte público no Brasil em 2013** (ou como também é chamada atualmente **revolta do vinagre**) contra o reajuste dos preços das passagens dos ônibus municipais, do metrô e dos trens urbanos de **R\$ 3,00 para R\$ 3,20**.

Vintém

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.



Moeda de 20 réis de cobre, cunhada na Casa da Moeda do Rio de Janeiro

(Letra Monetária R) por D. João VI em 1821. Moeda de nº 508 no *Livro das moedas do Brasil*, p.271

Vintém, palavra derivada de *vinteno*, através do fenômeno linguístico da contração. Vintena era a vigésima parte de algo, assim como as palavras *novena* e *dezena*.

E nesse sentido foi usada para designar uma antiga moeda **brasileira** de 20 **réis**, correspondendo à **vigésima parte do cruzado** (moeda de ouro com valor de face de 400 réis).

Deixou de ter curso legal em 1942 com o advento do **Cruzeiro**. Porém o real (réis) passou a ser um sinônimo de cruzeiro.

O vintém de cobre foi **cunhado no Brasil de 1693** até aproximadamente 1832. Foram cunhados vinténs de bronze por D. Pedro II do Brasil de 1868 até 1870 e durante a República, de 1889 a 1912. E, pela última vez, de 1918 a 1935, em cuproníquel. As datas de cunhagem não correspondem à circulação efetiva das moedas, pois só se cunhava para suprir necessidades monetárias.

Houve também um vintém em prata, cunhado de 1695 a 1699 apenas. Vinténs em ouro nunca existiram, mas houve um famoso Vintém de Ouro, que na verdade era de cobre, valia 37,5 réis, e era usado para comprar 1 vintém (unidade de massa) de ouro na região das Minas Gerais.

Na cultura popular, uma pessoa que está *sem nenhum vintém* está relativamente sem dinheiro. Também foi frequente a expressão *não vale nem um vintém*, isto é, não tem valor, vale pouca coisa. A criação de um imposto de um vintém sobre os preços da passagem de bonde gera um movimento popular conhecida como Revolta do Vintém.

[A guerra do vintém](#) (link) - Por José Murilo de Carvalho

Explored por militantes republicanos, manifestações contra taxa sobre transporte urbano tumultuam capital do Império e deixam mortos e feridos pelas ruas.

No dia 28 de dezembro de 1879, a capital do Império viu algo inédito desde 1863, quando o Brasil rompeu relações com a Inglaterra por conta da Questão Christie: a multidão protestando na rua.

A manifestação aconteceu no campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, em frente ao palácio imperial. Cerca de cinco mil pessoas, lideradas por um militante republicano, o médico e jornalista **Lopes Trovão**, reuniram-se para entregar a d. Pedro II uma petição solicitando a revogação de uma taxa de 20 réis, um vintém, sobre o transporte urbano, ou seja, bondes puxados a burro.

O vintém era moeda de cobre, a de menor valor da época. A polícia não permitiu que a multidão se aproximasse do palácio. Enquanto os manifestantes se retiravam, o imperador mandou dizer que receberia uma comissão para negociar.

Mas **Lopes Trovão** e outros militantes republicanos, buscando tirar o máximo proveito político da ação da polícia, recusaram o encontro. Divulgaram um manifesto dirigido ao soberano, convocando-o a ir ao encontro do povo.

A Gazeta da Noite de **Lopes Trovão** e panfletos distribuídos pela cidade passaram a pregar o boicote da taxa e a incitar a população a reagir com violência, arrancando os trilhos dos bondes. Outra manifestação foi convocada para o dia 1º de janeiro, data da entrada em vigor da taxa, agora no centro da cidade, no **Largo do Paço, hoje Praça 15 de Novembro**.

Nesse dia, a taxa estava sendo paga até que, ao meio dia, a multidão se reuniu no local previsto.

Percebendo talvez a enrascada em que se metera, **Lopes Trovão** não incitou a multidão à ação.

A massa moveu-se, então, pelas ruas do centro aplaudindo as redações dos jornais de oposição e se dirigiu ao Largo de São Francisco, ponto final de várias linhas de bonde.

Em frente ao prédio da Gazeta da Noite, o próprio **Lopes Trovão** fez um apelo aos manifestantes para que se dispersassem. Mas àquela altura ele já perdera o controle dos acontecimentos.

A massa popular concentrou-se nos arredores da **Rua Uruguaiana e do Largo de São Francisco**.

O delegado que comandava as tropas da polícia pediu reforços ao Exército, mas, antes que a ajuda chegasse, **ordenou à polícia que dispersasse a multidão a cacetadas**.

Leia também:

(Breve história da baderna - Ordem ou silêncio da maioria?- Insatisfação de longa data

A um grito de “Fora o vintém!”, os manifestantes começaram a espancar condutores, esfaquear mulas, virar bondes e arrancar trilhos ao longo da rua Uruguaiana.

Dois pelotões do Exército ocuparam o Largo de S. Francisco, postando-se parte da tropa em frente à Escola Politécnica, atual prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. O povo, que só detestava a polícia, aplaudiu a tropa.

Mas alguns mais exaltados passaram a arrancar paralelepípedos e atirá-los contra os soldados. Por infelicidade, um deles atingiu justo o comandante da tropa, **tenente-coronel Antônio Enéias**

Gustavo Galvão, primo de Deodoro da Fonseca, militar que uma década depois se tornaria o **primeiro presidente do Brasil**. O oficial descontrolou-se e ordenou fogo contra a multidão.

*(Antônio Eneias Gustavo Galvão , primeiro e único **barão de Rio Apa**, (Nossa Senhora do Socorro, * 19/10/1832 — + Rio de Janeiro, 25/03/1895)- foi um militar brasileiro.*

Filho de José Antônio da Fonseca Galvão e Mariana Clementina de Vasconcelos Galvão, irmão de Rufino Eneias Gustavo Galvão, barão de Maracaju, e do desembargador Manuel do Nascimento da Fonseca Galvão.

*Antônio Eneias Gustavo Galvão - **Tenente-coronel, reprimiu a Revolta do Vintém, no Rio de Janeiro**, tendo sido ferido e ordenado que sua tropa abrisse fogo contra os manifestantes, ferindo de dez a quinze pessoas e ocasionando a morte de pelo menos três; fato este que levou a queda do ministério.*

*Participou da **Retirada da Laguna, durante a Guerra do Paraguai**, enquanto comandava o 17.º Batalhão de Voluntários da Pátria. Foi ministro do Supremo Tribunal Militar e ministro da Guerra, de 13/04/1893 a 31/01/1894, no governo de Floriano Peixoto. Agraciado cavaleiro da Imperial Ordem de São Bento de Avis, oficial da Imperial Ordem da Rosa, cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro.)*

As estatísticas de mortos e feridos são imprecisas. Falou-se em 15 a 20 feridos e em três a dez mortos. Entre os últimos, estavam estrangeiros e o flautista Loló, condutor da Cia. de São Cristóvão, atingido por uma pedrada.

A multidão dispersou-se e, salvo pequenos distúrbios nos três dias seguintes, estava findo o motim do vintém. A cobrança da taxa passou a ser quase aleatória. As próprias companhias de bondes pediam ao governo que a revogasse.

Desmoralizado, o ministério caiu a 28 de março. O novo ministério revogou o desastrado tributo.

A capital do Império estava acostumada a distúrbios de rua. Vivera em quase permanente agitação **entre 1820 e 1840**. Nessa última data, o povo **exigiu na rua a maioria do imperador**.

A partir daí, no entanto, refletindo a estabilização política do Segundo Reinado, reduzira-se muito a agitação. A tranquilidade das ruas só fora quebrada nos protestos **contra Christie**, quando a multidão, liderada por **Teófilo Otoni**, ameaçou comerciantes ingleses e aplaudiu a ação do imperador. O que a trouxe de volta em 1879.



*Teófilo Benedito Otoni (Vila do Príncipe, * 27/01/1807 — Rio de Janeiro, + 17/10/1869
foi um jornalista, comerciante , político e empresário brasileiro.*

Em 1878, depois de 10 anos de domínio conservador, subira ao poder o gabinete liberal de Sinimbu, encarregado de fazer a reforma eleitoral. Dividido por conflitos internos, desagradou a gregos e

troianos. Os republicanos estavam furiosos com **Lafayette Rodrigues Pereira**, ministro da Justiça, que assinara o Manifesto Republicano de 1870, e agora se bandeava para o campo liberal.



(Lafayette Rodrigues Pereira, o conselheiro Lafayette ministro da Justiça)

(* Queluz, Minas Gerais, 28/03/1934 — + Rio de Janeiro, 29/01/1917), foi um jurista, proprietário rural, advogado, jornalista e político brasileiro. Foi primeiro-ministro do Brasil de 24/03/1883 a 06/11/1884. Destacou-se por suas obras de direito denominadas *Direito de Família e Direito das Coisas*.)

A principal fonte de insatisfação, no entanto, vinha da política fiscal do **ministro da Fazenda, Afonso Celso de Assis Figueiredo, futuro visconde de Ouro Preto**, que tinha fama de excelente administrador e financista.



Afonso Celso de Assis Figueiredo, Visconde de Ouro Preto, Ministro da Fazenda

(* Ouro Preto, 0/02/1836 — + Rio de Janeiro, 21/02/1912), foi um político brasileiro.

Para enfrentar as dificuldades financeiras geradas pelos enormes gastos com a grande seca de 1877 no norte do país, propôs ele no projeto de lei orçamentária de 1879, aprovado pela Câmara, vários aumentos de impostos antigos e a introdução de alguns novos.

Atingiu o bolso de todos, proprietários de escravos, aspirantes a títulos nobiliárquicos, fumantes, amantes do vinho, comerciantes e simples cidadãos. As medidas mais irritantes foram o novo imposto sobre vencimentos dos funcionários públicos, o antepassado do imposto de renda, e **a taxa de um vintém sobre o valor das passagens no transporte urbano**.

Outros textos do autor: *Registros da liberdade - Especial - Proclamação da República*

O novo imposto e a taxa atingiram diretamente duas categorias, os funcionários públicos e os usuários de bondes.

Em 1870, a capital tinha 192 mil habitantes na área urbana, dos quais 11 mil funcionários públicos, entre civis, militares e eclesiásticos, já que naquela época o catolicismo era a religião oficial do Estado.

Havia quatro grandes companhias de ferro-carris urbanos, ou de bondes, como ficaram conhecidos: a **Botanical Garden Co.**, que cobria a zona sul, saindo da rua Gonçalves Dias, a **Cia. de São Cristóvão**, concentrada na zona norte, com ponto final no Largo de São Francisco, a **Ferro-carril de Vila Isabel**, que partia da Praça Tiradentes, e a **Cia. de Carris Urbanos**, que atendia ao centro, incluindo a zona portuária.

O bonde era um transporte de massa. Cada carro, puxado por animais sobre trilhos, transportava 30 passageiros.

Só as três primeiras companhias acima listadas transportaram em **1879 mais de 20 milhões de passageiros.** É óbvio que a taxa do vintém jogava muita gente contra o governo, sobretudo contra o **Afonso Vintém**, como **ficou conhecido o ministro da Fazenda.**

Para atingi-los, foram atacadas no dia primeiro as companhias de bondes, com exceção da Botanical Garden, de propriedade norte-americana, que se prontificou a pagar ela mesma a taxa.

Desse clima de insatisfação, tiraram vantagem os agitadores republicanos. Ao que parece, na demonstração de São Cristóvão estavam presentes, sobretudo, pessoas de melhor situação social, certamente muitos funcionários públicos.

Na do dia 1º, teria entrado em ação a massa dos usuários mais pobres, acrescida da tropa barra-pesada do centro e da zona portuária. Não por acaso, os líderes do movimento perderam o controle da multidão nesse dia.

Embora legal, a **taxa do vintém** era profundamente impolítica, como se dizia na época. O ministro fora alertado para as possíveis reações. **Mas Afonso Celso era tão competente quanto teimoso.**

Pagou por isso alto preço em 1880, como pagaria em 1889, por ocasião da proclamação da República. A reação da polícia foi infeliz em 28 de dezembro, ao não negociar a audiência com o imperador, e imprudente em 1º de janeiro. A do Exército, simplesmente desastrosa.

Os acontecimentos chocaram o Imperador. Em cartas à condessa de Barral e ao conde de Gobineau, afirmou que em 40 anos de reinado nunca tinha sido usada a força contra o povo da capital do Império. Não lhe escapou mesmo a conotação republicana dos incitadores do motim. Afirmou à condessa que seria mais feliz como presidente de uma república.

Mas a revolta não foi republicana, afirmaram seus próprios líderes. Muitos interesses feridos nela se fundiram, de grandes e de políticos, de gente miúda e de simples cidadãos.

Uma grande explosão social, detonada por um pobre vintém. Afonso Celso de Assis Figueiredo.

Fonte: José Murilo de Carvalho - Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Brasileira de Letras, do IHGB e da Academia Brasileira de Ciências e autor de D. Pedro II: ser ou não ser. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

Ver também: **Lopes Trovão – [O paladino da liberdade](#)** por Helton Fernandes de Andrade.